

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

A FORMAÇÃO DA SAVASSI COMO UMA CENTRALIDADE BELO-HORIZONTINA - A CULTURA
DO CONSUMO, PASSAGENS E TERRITORIALIDADES

Celina Borges Lemos (UFMG)

A Formação da Savassi como uma Centralidade Belo-Horizontina – A Cultura do Consumo, Passagens e Territorialidades

RESUMO

O trabalho elabora uma leitura dos espaços da Savassi, hoje um centro de consumo consolidado, a partir das práticas sociais, tendo como referência as espacialidades onde a sociabilidade se materializa. A base da análise foi identificar a gênese desses lugares e práticas, através das inter-relações das micro-territorialidades. Metodologicamente, a paisagem foi categorizada com base nas relações de contigüidade, continuidade, seqüenciais e de separação dos espaços. Assim, detecta-se como se integram as configurações físicas, sua categorização espacial e as formas de apropriação das mesmas por experiências socioculturais, conformando a imagem do lugar. As investigações sobre o local estão baseadas em documentos históricos e entrevistas realizadas com especialistas e com freqüentadores que vivenciaram tão relevante experiência nas décadas de 60, 70 e 80.

I DE VOLTA AO PASSADO: DO CENTRO TRADICIONAL AO BAIRRO FUNCIONÁRIOS

A memória, que os habitantes de uma cidade constroem cotidianamente ao longo de um determinado espaço-tempo, está relacionada às práticas sociais e às interações por eles vivenciadas. As passagens, os lugares, os pontos de encontro, os locais de moradia configuram-se enquanto pontos de referência significativos, tanto a nível individual, como a nível coletivo. Os habitantes, no seu dia-a-dia, muitas vezes deparam com lugares por eles experienciados, os quais lhes propiciam a reconstrução de um quadro impregnado de lembranças já esquecidas. Para Halbwachs (1950), estas lembranças anteriores sofrem uma transformação e vão se adaptando a um novo conjunto de lembranças atuais. Estes momentos peculiares são provenientes de um processo de identificação, que vai se incorporando nos indivíduos ao longo dos seus espaços vivenciais.

Para Lévy-Strauss (1981), a identidade pode ser definida como uma “identidade abstrata”, isto é, não apresenta uma existência real, mas, ao mesmo tempo, deve ser considerada indispensável como ponto de referência. Na medida em que estas identidades vão sendo elucidadas, a cidade edificada como representações no espaço passa a propiciar espaços de representação, podendo ser considerada um espaço vivencial. Neste momento, a cidade é viva e torna-se somente vida para os seus habitantes que lhes imprimem seu caráter, emoções e sentimentos. Encontrar estes espaços de representação significa captar elementos simbólicos que circundam as interações do espaço social, relacionados ao subterrâneo da vida cotidiana urbana (LÉVY-STRAUSS, 1981).

Belo Horizonte, como algumas outras cidades brasileiras planejadas, apresenta um paradigma original no estudo de uma possível identidade existente entre esta e seus habitantes. Elas apareceram no mapa do Brasil da noite para o dia, como se fosse uma “entrega” em domicílio de uma encomenda feita pelos dirigentes políticos da época. Estas encomendas foram elaboradas por “especialistas do espaço”, cuja missão foi construir um “repertório de símbolos monumentais”, que possibilitasse a implantação de um novo *status quo* (SANTOS, 1984). A concepção tinha como intenção construir cidades saneadas e higienizadas, onde os construtores se preocupavam em garantir uma salubridade e uma aeração perfeita, procurando evitar que nelas se instalasse qualquer tipo de endemia física ou moral. Só assim poderiam

garantir uma produtividade da força de trabalho segura e de alta rentabilidade e, ao mesmo tempo, manter a ordem e o progresso socioeconômicos. A distribuição dos espaços e as suas formas de uso no urbano, ao lado das questões acima levantadas, foram definidas *a priori*, visando facilitar a “ação do poder” no controle desses espaços: as classes privilegiadas foram localizadas em espaços onde não haveria a menor ameaça à sua saúde, as mais populares localizavam-se em ambientes patogênicos, onde tudo poderia acontecer; dentro de um raio de ação delimitado e controlado (SANTOS, 1984).

Dentro deste complexo contexto, a Capital foi fundada em 1897 com a missão de simbolizar um “belo e próspero futuro” para o estado. De acordo com Lévy-Strauss (1981, p. 117), a cidade, enquanto *locus* onde identidades são edificadas pelos seus habitantes, deve ser considerada como “objeto de natureza e sujeito da cultura; indivíduo e grupo, vivida e sonhada, coisa humana por excelência”. Belo Horizonte, enquanto cidade planejada, não apresentava nos seus primeiros anos uma consciência de cidade, visto que só a partir de um processo de uso, o “viver” no lugar seria erigido. Como os primeiros habitantes, em sua maioria, não cresceram com a cidade e não fundaram suas raízes, estes permaneciam nos lugares de um certo modo enleados, embaraçados naquela floresta de ângulos retos e obtusos. Belo Horizonte constituiu-se, do ponto de vista urbanístico, como uma verdadeira “revolução” — revolução esta politécnica: “feita em papel quadriculado por homens de compasso e lápis na mão — moramos numa cidade cartesiana, mas somos barrocos” (LE VEN, 1977, p. 136). As dificuldades dos habitantes eram tão significativas, que os dirigentes do poder público chegaram a construir, na Praça da Liberdade, uma miniatura de concreto do pico Itacolomi de Ouro Preto, que, segundo historiadores da época, serviu para consolar os ouropretanos saudosos: “A praça dos namorados é a praça do poder, saudades de Ouro Preto lacrimejam, entre os penhascos de cimento [...]” (ANDRADE, 1985, p. 857-858).

Com o decorrer do tempo, a cidade passou a apresentar vários lugares significativos, localizados principalmente na área central, os quais passaram a constituir pontos de referência que definiram todo um modo de vida ao belo-horizontino, bem como a sua identificação com tais lugares. A Praça Sete de Setembro, por exemplo, no início do século, era o lugar dos encontros, das festas e dos carnavais. Nesta época, foi inaugurada a estação de bondes, localizada entre a Av. Afonso Pena e a Rua da Bahia, onde passavam, controlados por relógio, todos os bondes da cidade. Em frente desta estação funcionava o “Bar do Ponto”, lembrado por Pedro Nava, onde todos passavam nem que fosse só para “bater o ponto”, tornando-se o

lugar de “parada obrigatória” para qualquer habitante. A centralidade do Bar do Ponto se estendia ao longo da Av. Afonso Pena entre a Rua da Bahia e Praça Sete onde o “footing” acontecia nos finais de tarde. Aqui também se nota a continuidade da segregação, visto que os grupos médio e alto circulavam do lado do Cine Glória; e os mais populares circulavam do lado de lá da Avenida, ao lado do cinema do mesmo nome (NAVA, 1985).

Já nas décadas de 30 e 40, o quarteirão da Rua da Bahia, situado entre as Avenidas Afonso Pena e Augusto de Lima, passou a exercer outro papel de destaque. Por lá circulavam artistas, intelectuais, estudantes e políticos que, na época, expressavam um estilo de vida que ficou na história da cidade e na memória daqueles que dele foram contemporâneos. Nos anos sessenta, a região da Avenida Augusto de Lima, próxima ao Edifício Maleta, tornou-se um ponto de encontro de grande expressão cultural, aonde um novo estilo de vida ia sendo instituídos pelos jovens da época, baseado em várias concepções culturais e políticas. Estes são apenas alguns dos vários locais que se constituíram lugares de sociabilidade e de identidades na história do centro de Belo Horizonte.

Na década de 70, a cidade foi elevada à categoria de Região Metropolitana, devido ao seu expressivo crescimento econômico e populacional¹. Sua estrutura urbana nesta época comportava vários centros secundários, os quais se interagiram e se completavam. Estes surgiram de uma forma quase espontânea, aliados aos interesses do capital, e apresentavam uma forma desconexa e dispersa. Os pequenos pólos estavam submetidos a uma hierarquia de uso, onde o Centro exercia o papel de primazia, uma vez que os dados coletados para o período são confirmados para as décadas de 80 e 90. O centro reunia uma grande variedade de atividades e serviços, que vieram se avolumando ao longo da evolução urbana da cidade. Grande parte dos serviços localizados naquela área poderiam ser considerados exclusivos, levando as demais áreas da Região Metropolitana a assumirem uma total dependência dos seus serviços. Aqui, mais uma vez, confirma-se a idéia inicial do plano de Aarão Reis e da Comissão Construtora das cidades radiocêntricas, dotada de um pólo referencial nos pontos de vista socioeconômico e simbólico.

No entanto, o Centro Tradicional, nas últimas três décadas do século XX, mostrava sintomas de saturamento, havendo uma heterogeneidade na qualidade dos serviços, como também no uso do lugar. Uma pesquisa, realizada pelo PLAMBEL sobre o mercado de terra em Belo Horizonte em 1977, mostra que o preço do solo no centro, no final da década de 60 e início da

década de 70, obteve uma taxa de acréscimo, em termos de valor, reduzida. Esta questão foi justificada pelo fato de que o Centro já se constituía como uma área praticamente comprometida (saturada), apresentando, em termos de valor do solo, uma taxa muito alta desde o início do século, em comparação com as demais áreas do núcleo metropolitano (PLAMBEL, 1978). Deste modo, as suas áreas já haviam sido valorizadas, sendo este um processo que vem se delineando desde a fundação da cidade. Aliado à questão do saturamento, “o fenômeno da metropolização de Belo Horizonte, naquela época, estaria provocando o surgimento de novos centros terciários mais sofisticados, os quais se apresentariam como alternativa ao centro tradicional” (PLAMBEL, 1978, p. 142). Os serviços de comércio mais sofisticados ou não, pouco a pouco, foram deixando o local, já que o preço do solo, apesar de não ter sofrido uma taxa de elevação expressiva com relação às outras áreas, nas décadas de 60 e 70, atingiu um valor inestimável que repercutiu nas suas áreas contíguas. O próprio poder público contribuiu indireta ou diretamente para que esse quadro no Centro fosse agravado, visto que, nesta época, pouco investiu na melhoria dos serviços públicos, sendo a sua atuação chamada de “irrisória”, uma vez que, na totalidade dos investimentos em obras implantadas em Belo Horizonte, apenas 0,05% foram destinadas à Região Central (PLAMBEL, 1978).

Do ponto de vista do uso do lugar, alguns monumentos e marcos adquiriram novas significações, outros desapareceram, sendo que seus espaços foram reapropriados e reinterpretados, o que os levou a sofrer um acréscimo de sentido. O Centro, definido como o lugar do intercâmbio, dos encontros, e dos lazeres, passou a apresentar um caráter difuso e ambíguo. Seus espaços estavam destituídos, em sua maioria, de identidade, visto que muitos dos seus lugares expressivos, como os “pontos de encontro”, foram demolidos ou desativados, configurando-se, como já disse o poeta, um “triste horizonte”. Esta questão está integrada às artimanhas do capital, visto que este não deixa de ser “um poder fanático” que destrói o espaço fugidivo da cidade, convertendo-a em metrópole impessoal e sem memória (MATOS, 1984, p. 50). Completando esta idéia, Ernest Bloch considera ser o capitalismo o “inimigo mortal da arte e de tudo que é grande” e vê a cidade como “o *locus* onde a existência humana acontece sem que lhe seja permitido envelhecer, mas apenas deteriorar-se ao longo dos anos” (BLOCH *apud* MATOS, 1984, p. 50).

Foi ao longo da década de 60 que a região da Savassi, inserida na Área Central de Belo Horizonte, sofreu um rápido processo de transformação, interferindo de forma definitiva no

bairro Funcionários. Este, até então, era um pacato e tradicional bairro localizado nas proximidades da Praça da Liberdade, que, no início da fundação da cidade, abrigou os funcionários do governo da nova capital. O bairro, antes da década de 60, poderia ser considerado absolutamente residencial. Por ele circulavam os bondes que integravam o bairro ao Centro Tradicional. Este subia a rua Pernambuco, contornava a Praça Diogo de Vasconcellos e descia a Cristóvão Colombo; uma outra linha do bonde fazia o mesmo trajeto, só que ao contrário, sendo estas umas das primeiras de Belo Horizonte, implantadas no começo do século XX. Além dessas, existia uma terceira que chegava até a Avenida do Contorno, indo em direção à Rua Grão Mogol, que se chamava linha “Acaba Mundo”². Os abrigos de bondes se constituíram como verdadeiros pontos de encontro nos locais onde foram implantados. O próprio trajeto dos bondes criava também representações socioespaciais específicas, sendo estas o resultado da origem e destino dos mesmos. Como exemplo tem-se o abrigo Pernambuco que foi transformado no ponto de encontro do Funcionários e se estendia nas imediações da Praça Diogo de Vasconcellos. O local se constituiu no lugar do piquenique, do cinema livre, dos blocos caricatos do carnaval, da feira livre e das barraquinhas (festas da Igreja)³.

Já na década de 50, os primeiros serviços de comércio foram implantados no bairro e na sua área havia a Padaria Savassi na Praça Diogo de Vasconcellos e, a seu lado, na Rua Pernambuco, a Drogaria São Félix. Havia, também, um armarinho, próximo à Praça Diogo de Vasconcellos e ao lado da Padaria; e os Armazéns Colombo e Triângulo localizados na Av. Cristóvão Colombo. Dois outros serviços passaram a atrair a atenção do belo-horizontino: a construção do Cine Pathé e a do primeiro supermercado de Belo Horizonte, o Serve Bem, ambos localizados na Av. Cristóvão Colombo. “Ia gente de Belo Horizonte inteira para ver o supermercado [...]. O bairro Funcionários só começou a perder a sua característica de bairro essencialmente residencial no final da década de 50, com a abertura da BR e com a construção acelerada daqueles bairros melhores [...], como o bairro Sion; e mais, posteriormente, com a abertura de outros bairros mais adiante, como o Belvedere e coisas do tipo [...], são os bairros da Zona Sul”⁴. Várias escolas de primeiro e segundo graus surgiram no local, seguidas pela fundação da Escola de Arquitetura da UFMG em 1954; que serviam à demanda dos grupos sociais mais sofisticados da cidade.

No final desses anos até a década de 70 vários territórios surgiram na região e o mais relevante e que permaneceu até a penúltima década do século XX foi o Cine Pathé. Era na rua

Pernambuco o ponto por onde perambulavam os chamados vícios da grande cidade: lá acontecia o encontro de vários grupos estigmatizados da época por serem considerados muito avançados e modernos. Na mesma rua do lado de cima da praça formou-se um outro tipo de representação no espaço: eram os grupos que tentavam descobrir novas alternativas de ação política aliada aos inovadores estilos de viver. Nesta mesma rua ainda se localizava a “boite Caverna”; lugar onde os modismos em termos de músicas/moda/atitudes eram lançados já com a possibilidade de consumo bem ali, nas lojas sofisticadas da Avenida Getúlio Vargas e adjacências⁵.

É no início da década de 70 que se pode detectar a transformação definitiva no até então bairro dos Funcionários. Uma vez que a formação desta territorialidade imprimiu um sentido exótico ao lugar e somando-se a ela houve a legitimação dos *points* pelos estudantes e grupos bem sucedidos que lá freqüentavam e permaneciam. A Savassi passou a ser definitivamente um *locus in* a partir da copa do mundo de futebol de 1970: de uma forma espontânea a vitória do Brasil nos Jogos foi comemorada na praça e não mais no Centro⁶.

O crescimento e a legitimação da Savassi coincidiram com a semi-saturação do Centro Tradicional, onde as pessoas e o comércio mais sofisticado procuravam alternativas como lugares de consumo. Além dos empreendedores se interessarem por novas alternativas para investimento em áreas menos saturadas, outros fatores sociais expressivos também ocorriam na época: os “nobres consumidores” consideravam um sacrilégio circular por locais no centro onde inexistiam barreiras que o isolasse e os protegesse dos demais grupos sociais. Tanto o comércio sofisticado como os seus consumidores não queriam mais circular pelo centro, por uma série de razões: “o centro já estava em deterioração e isto é uma coisa normal, a casa fica velha, a loja fica velha, etc. [...]. Depois, com o aumento do tráfego, diminui a comodidade e a pessoa começa a ficar chateada de se meter naquele bolo, então vai buscar um lugar mais cômodo para fazer suas compras”⁷. A área tornou-se o *locus* ideal para o investimento do capital e para a chegada do consumidor de alto poder aquisitivo. Os dois fatos ocorreram em plena sincronia: “o que aconteceu com a Savassi foi o seguinte: o espaço acumulou pessoas com facilidade de parar e, principalmente, com poder aquisitivo”⁸. De acordo com estes fatores, a sua reterritorialização surge como uma nova opção para os investimentos do capital privado, destacando-se como um dos principais centros de Belo Horizonte. Este se constituiu como um espaço especializado de serviços, onde há um nítido corte de classe, tornando-se o *locus* de consumo e lazer dos grupos privilegiados.

Dentro da lógica capitalista, a Savassi não só reforçou o papel do Centro, como se tornou mais uma fonte de investimentos privados. Além de o lugar oferecer serviços mais sofisticados para o uso e o consumo de uma pequena parcela da população, ela tornou-se o *locus* privilegiado carregado de um grande simbolismo, por onde transitavam modismos culturais. Lá se concentravam cargas valorativas do sentido, o que levou a exercer um papel de grande eficácia cultural e simbólica com relação ao consumo de serviços de comércio e lazer. Não houve, com relação ao bairro Funcionários, uma expansão urbana; o que aconteceu foi “uma mudança de uso, numa região já plenamente expandida. Aquilo foi onde Belo Horizonte começou”⁹. As casas, no início, eram residenciais e passaram por uma adaptação para o novo uso (comércio e bares). Logo depois, foram sendo demolidas gradativamente e em suas áreas foram surgindo novos edifícios. “Agora a quase totalidade deixou de ser residência a passou a ser comércio, mas sempre tem alguns durões lá que não querem sair [...]”¹⁰.

Por suas bucólicas passagens, o “Funcionários” permaneceu, de certa forma, vivo quer seja pela memória daqueles que lá viveram, quer pelos registros encontrados na literatura, quer pelo que resta da sua arquitetura neoclássica, eclética e art-déco. Nesse período esta memória encontrava-se totalmente ameaçada e até a denominação do bairro desapareceu, visto que a região quase como um todo, passou a ser denominada Savassi e não mais bairro dos Funcionários. Designação emprestada da padaria instalada durante vários anos na Praça Diogo de Vasconcellos, tendo sido desativada no final de 1970. Uma nova territorialidade se constituiu predominando atividades de serviços de comércio e lazer. As primeiras lojas instalaram-se nas imediações das Avenidas Getúlio Vargas, Cristóvão Colombo, das ruas Pernambuco, Antônio de Albuquerque, Tomé de Souza e, principalmente, da Praça Diogo de Vasconcellos.

Em pouco tempo, a paisagem transformou-se e, com ela, foi se formando todo um sentido de frequentá-la e de consumir o seu espaço entre os anos 70 e os 80. Esta passou a expressar o *locus* de consumo mais sofisticado da cidade: circular pela Savassi, frequentar os seus bares, significa “ter bom gosto”, “estar por dentro do que acontece”, “ter amigos sofisticados”, “ter status”, enfim, significa pertencer, ou sonhar pertencer, ou ter acesso aos grupos dominantes. Assim, o novo centro, em torno de 15 anos, adquiriu características de uma requintada urbanidade e se assemelha ao perfil do Centro Tradicional. Esta constatação confirma-se a

partir da própria legislação urbanística elaborada em 1976, que possibilitou o uso “misto” em algumas áreas e, de certa forma, induziu o processo de implantação dos serviços, bem como o incremento da verticalização. No entanto, ao se considerar que a estrutura da Savassi tendia a se assemelhar à do Centro, esta característica está inserida num processo dinâmico de evolução urbana, onde não é possível prever os seus limites e a sua duração (LEMOS, 1985). Ao mesmo tempo em que o lugar “imitava” o Centro em termos de estrutura urbana, constata-se que existiam diferenças significativas entre os dois pontos. Caracterizados pela mesma condição urbanística moderna, como também pelas suas representações simbólicas, as diferenças distinguiam os dois Centros até os anos 80 se interagiam e se completavam, compondo a dinâmica do urbano como um todo.

A Savassi, nesse período, caracterizava-se principalmente como um espaço de consumo, enquanto no Centro acentuava-se a característica de referencial de negócios. Este fato explica-se ao se considerar o comércio varejista, por exemplo, que, em termos relativos, é muito mais numeroso, apresentando uma qualidade superior, sendo as suas lojas configuradas por uma grande sofisticação. Ainda em termos de consumo, os serviços de Alimentação acompanhavam a mesma análise dos anteriores. Os bares, as lanchonetes e os restaurantes apresentavam também uma diferença qualitativa entre a Savassi e o Centro, visto que, no segundo, estas atividades suprem uma “necessidade”, o que quer dizer que o ato de consumir está restrito a atender a uma necessidade da população naquele momento. Com relação ao novo centro, pelo fato do lugar apresentar um sentido peculiar e uma acessibilidade facilitada, as pessoas iam consumir, passear e ficar pelos lugares, bares, etc. Havia uma nítida diferença entre as duas áreas: o Centro vinha se tornando um mero lugar de passagem e a Savassi podia ser caracterizada predominantemente como o lugar do encontro, formando verdadeiros territórios existenciais. Apesar das diferenças qualitativas e quantitativas, a Savassi se aproximava da estrutura do primeiro, que na condição de um novo centro, além de se consolidar como o lugar do consumo, podia, até então, ser considerada como uma centralidade de negócios auto-suficiente.

II PELOS CAMINHOS DA SAVASSI

Fazer uma leitura dos espaços significa, inicialmente, buscar a sua gênese, isto é, a forma como esses foram planejados, programados e vivenciados. A Savassi está inserida no espaço

planejado da Área Central que compõe o traçado inicial elaborado por Aarão Reis, caracterizado por uma extrema rigidez, enfatizando a ordem, a harmonia e a simetria. Estas características mostram como o planejador “se prendeu demasiado à corrente do urbanismo francês do início do século passado [...]” que se preocupava com a “beleza e a simetria absolutas da planta em si e a monumentalidade de certos detalhes, principalmente das avenidas, com uma concepção que poderíamos chamar de Versalhiana” (ANDRADA, 1962, p. 14). Alguns autores¹¹ afirmam que o plano de Belo Horizonte foi influenciado também pelo plano de Washington, que, na época, era bem conhecido, sendo seu traço marcante a preocupação também com o monumentalidade das avenidas que ligam os pontos de interesse, apesar de não apresentar explícita referência ao problema do sistema viário e à sua forma de funcionamento. Este tipo de urbanismo apresenta uma série de características vinculadas à concepção racionalista que ocorreu na Europa nesta época, onde, segundo Choay (1979), a fragmentação do espaço implementa neste uma função específica, regendo-o uma ordem rigorosa. Uma vez que os progressistas e racionalistas consideravam a cidade um *locus* funcional de trabalho, esta passa a ser categorizada como uma “instrumentalidade” e cada fundação desta “deve ocupar uma área especializada” (CHOAY, 1979, p. 22). Além do fato da cidade ser considerada como um instrumento, os urbanistas modernos, como Le Corbusier (1887-1965), estavam também preocupados com a “estética”, visto que a cidade era concebida como um “espetáculo”, o que tornou a estética um imperativo. A palavra-chave deste urbanismo é a eficácia e a “inscrição irremediavelmente fixada de cada uma das atividades humanas em termos espaciais simboliza o papel retificador deste urbanismo” (CHOAY, 1979, p. 25).

A sub-região da Savassi está inserida nesses princípios, que interferiram tanto no seu traçado, como no da cidade como um todo. As formas de como os espaços traçados rigidamente estavam sendo ocupados e apropriados nos anos 80 norteiam as análises que verificam a consolidação do novo centro. Portanto, toma-se o caminho oposto ao princípio restritivo que, geralmente, norteia as leituras da estruturação urbana através das funções que lhe são impostas. As práticas sociais, bem como as representações simbólicas, se instituem como base da observação e da interlocução, tendo como referência as espacialidades, *loci* onde se materializa a sociabilidade. O novo centro, enquanto palco onde a trama da cidade acontece, viabiliza práticas, cujos atores pertencem a uma determinada formação social, e pode vir a ser classificada a partir de determinadas práticas e categorias sociais e simbólicas. A base da análise é conhecer a forma da espacialização dessas práticas e a forma como estas se

relacionam, conformando uma nova territorialidade. As relações espaciais estão categorizadas de acordo com Holanda (1985), e viabilizam a percepção dos espaços, estando divididas em relações de contigüidade, de continuidade, seqüenciais e de separação. Além de estabelecer as formas pelas quais os espaços relacionam-se, o autor aponta um outro nível de categorização dos espaços: a forma de apropriação e uso dos mesmos. Aqui, é possível detectar como se integram as configurações físicas, a sua categorização espacial e as formas de apropriação das mesmas, podendo ser edificada, assim, uma imagem do lugar. Integrados nas configurações físicas e categorizações espaciais, alguns elementos merecem relevância, visto que compõem a estrutura espacial, como a rua, as avenidas, os passeios, as lojas, as casas, os bares e as galerias. A paisagem “savassiana” transforma-se no dia-a-dia, uma vez ser o lugar onde o imprevisível, a diferença e a raridade do novo permeiam o ir e vir das pessoas e dão um sentido que extrapola a simples necessidade de “passar por ali”. A territorialidade da Savassi está, de certa forma, diferenciada segundo regiões, sendo que estas têm um valor afetivo próprio, regido por uma magia¹².

O cinema Pathé representou uma das principais espacialidades da Savassi e localiza-se próximo à Praça, estabelecendo uma relação de contigüidade com uma série de lojas que evoluem a partir do seu próprio ponto estratégico. Tal ponto era significativamente marcado pelo carrinho de pipocas, que permanecia na porta do cinema durante o dia todo. A área do passeio sofreu uma confluência de usos, pois era ponto de parada de coletivos, o lugar de espera para entrar no cinema, e o ponto da Av. Cristóvão Colombo congestionado de pessoas e carros. Mas o Pathé lá continuou, no seu propósito de ser a capital cultural dos savassianos, desde os tempos da Bossa-Nova e dos Beatles; “Cinema de Arte”, por onde passaram Bergman, Godard, Fellini, etc. O Pathé foi o ponto de encontro dos intelectuais, lugar onde se inscreveu uma memória e identidades foram criadas e recriadas. O Cine Pathé foi o centro da vida cultural da cidade. De lá fluía um húmus que atravessava a Savassi por inteiro, tornando-se um dos elementos que mantinha o seu “status”.¹³

Do lado de lá do Pathé, localizava-se o principal ponto de coletivos da Savassi. O espaço estava integrado numa morfologia de contigüidade, com freqüentes transições de uso. As pessoas esperavam, subiam e desciam dos coletivos, rompiam os limites do passeio e da rua e incorporavam o espaço interno da “Agência Status”. Desta forma, a região do ponto de coletivos se instituía como um espaço contíguo, formado pela “Agência Status” (espaço interno), pelo passeio, pela rua (espaço aberto) e pelo ônibus (espaço fechado). Entre a

“Agência Status” e o “Cine Pathé”, havia uma relação de continuidade, visto que mesmo o intenso trânsito da avenida não separava os pontos de encontro, que se completavam na década de 80.

A Praça Diogo de Vasconcellos, mais conhecida como Praça da Savassi, não possibilitava nenhuma prática social relevante, sendo um ponto de cruzamento, o que corresponde à idéia prevista pelo próprio Aarão Reis. Contudo, exercia uma representação simbólica efetiva, visto que o nome “Praça da Savassi”, apesar de não denominar uma praça realmente, indicava que aquele entroncamento de ruas existia como um forte referencial para as pessoas. Foi a partir da praça que se centralizou a distribuição das atividades pelas vias, sendo também relevante, nessa representação simbólica, o fato do nome “Savassi” ter-se originado da padaria outrora localizada no lugar. A praça recebeu um adicional simbólico expressivo quando se tornou palco da “visita” do obelisco originário da Praça Sete de Setembro, tendo lá permanecido por quase duas décadas.

Com relação às áreas livres que compunham o entorno da praça, houve um certo uso heterogêneo dos pequenos espaços de lazer, sendo estabelecida entre eles uma ligação de continuidade, visto que as avenidas dividem as áreas, mas não as isolam. Quanto à apropriação das áreas, nota-se que algumas não foram legitimadas pela população, colocando-se como mero espaço de passagem. Assim foi o caso da esquina de Pernambuco com Av. Getúlio Vargas. Nota-se que a área não foi adotada como um referencial de identidade, visto que um simples estacionamento não é capaz de atrair pessoas para um lugar. Na esquina da Pernambuco com Cristóvão Colombo, o poder público criou uma pequena área de lazer, mas não existe uma relação de continuidade com a loja aí existente, visto que esta apresentava portas de entrada somente nas laterais. Por outro lado, uma cabine telefônica atraía pessoas para o lugar e, de modo geral, várias formas de uso ocorreram no espaço, desde a exposição de quadros, o namoro, até a apropriação de pedintes. Já o quarteirão da Praça, entre a Antônio de Albuquerque e a Avenida Getúlio Vargas, foi o mais intensamente apropriado pelos frequentadores da Savassi. Nota-se uma relação de contigüidade no lugar, visto que nele aconteciam situações diversas: a venda de artesanato, o estacionamento de carrinhos de pipoca e de sorvete, etc. O lugar também era o ponto de encontro do pessoal que trabalhava nos serviços em geral, podendo ser apropriado por vendedores ambulantes e, ainda, constituindo-se como um lugar de passagem de grande incidência, devido à sua centralidade. Nota-se que, a qualquer hora do dia, este quarteirão notificou-se como o mais frequentado

pelas pessoas, devido à relação de continuidade estabelecida entre o circuito dos espaços e lojas mais sofisticadas da Savassi. Pelo fato de ser dotado de grande fluxo de pessoas era também a quadra da praça mais controlada pelos policiais, propiciando maior segurança à população para transitar e permanecer. Apesar de o espaço ter sido apropriado pela população, o sentido do uso proposto pelo poder público não fora invertido ao longo desses anos.

O “lado de lá” da Praça, formado pelos quarteirões menos freqüentados, apresentava uma homogeneidade de uso. Duas bancas de revistas implantadas nas quadras criaram novos “pontos” nas áreas, não sendo significativas as formas de uso do lugar, o que o definia apenas como um lugar de passagem. Apesar destes quarteirões estabelecerem uma relação de continuidade com os outros, havia uma separação nítida entre os dois lados da Praça, ou mesmo na Av. Getúlio Vargas, em termos de uso: na área de cima desta avenida, a concentração de serviços, em geral, estava um pouco inferior à do outro lado, e a sofisticação das lojas apresentava algum desnível, com relação às do lado de baixo. Este fato justifica-se ao se observar que a Savassi começou nas imediações do cinema Pathé e da Padaria Savassi. É relevante também o fato da ocupação do “lado de cima” ser limitado, devido à restrição da área pela Av. do Contorno, que dificulta a expansão dos serviços.

A Avenida do Contorno estabelecia uma relação de “separação” com o espaço da Savassi, pois possuía um fluxo de trânsito denso que dificultava a circulação dos pedestres. Mesmo assim, contata-se que os serviços começaram a ser implantados na avenida e tendiam a penetrar pelo bairro contíguo, o São Pedro. No entanto, havia duas instâncias de separação: a primeira, representada pela Av. do Contorno, cujo fluxo de automóveis era considerado como principal fator de isolamento destas áreas. A segunda, relacionada à área próxima da Contorno, onde encontrava-se um estoque de terrenos, o que levava a Rua Pernambuco, naquele trecho, a sofrer uma qualitativa mudança de uso com relação ao seu outro lado: lugar de estacionamento de carros. Além do abandono da área, nota-se que houve uma ruptura em termos de continuidade de uso.

Em algumas ruas fechadas nas imediações da Praça Diogo de Vasconcellos constata-se que, ao contrário do que se previa no plano, se encontravam repletas de automóveis estacionados. Certos atributos do espaço, como as ruas fechadas da Savassi, ao invés de propiciarem uma total incorporação dos mesmos, por parte dos freqüentadores do lugar, atuavam como “inibidores da apropriação livre” (FARRET, 1985, p. 125). As ruas induziam apenas uma

reunião de automóveis, lixos, pedintes, que inibiam ainda mais a tentativa de permanência dos “nobres consumidores” nestes locais. A região, de um modo geral, caracterizava-se por uma diversidade de uso, sendo que os seus assentamentos se encontravam mais ou menos densos, onde foram estabelecidas relações de continuidade e contigüidade. A Av. Cristóvão Colombo apresentava uma relação de contigüidade significativa, visto que nela se aglomeravam serviços de moradia, serviços de comércio, de representações, misto, etc. A Avenida também era considerada uma via de escoamento de coletivos e automóveis, visto que liga o Centro Tradicional aos bairros da Zona Sul. A relação de contigüidade dos seus espaços podia ser lida através das várias categorizações dos mesmos, sendo que se superpunham não só várias atividades de serviço, como também várias tipologias arquitetônicas: a casa, os primeiros edifícios residenciais e os edifícios sofisticados, onde funcionavam as atividades comerciais e financeiras que deram um novo sentido à região. Estas espacializações podiam ser detectadas na Av. Getúlio Vargas, em menores proporções: conviviam, numa relação de contigüidade em seu espaço, os serviços de moradia unifamiliar ainda resistentes à especulação imobiliária, os serviços de representação, os serviços de comércio sofisticado e os de hotelaria. A variedade de serviços integrados num espaço contíguo fundamentou, mais uma vez, a caracterização da Savassi “como um centro alternativo, diversificado e auto-suficiente”. A idéia de diversificação dos centros de consumo remete a Henry Thoreau, que escrevera em 1854 sobre a composição dos aglomerados americanos:

eram o armazém, o botequim, a agência de correio e o banco [...] e de todos os cantos pendiam cartazes aliciando o transeunte, uns a seduzi-lo pelo apetite, como os da taverna e do depósito de víveres; uns pela fantasia, como os de loja de tecidos e os da joalheria; outros pelos cabelos, ou pelos pés, uns pelas abas, como os do barbeiro, do sapateiro e do alfaiate (THOREAU, 1985, p. 161).

Neste sentido, na Savassi acontecia como no povoado descrito pelo autor e o circular pelo seu espaço significava colocar à prova a capacidade de resistência à sedução que o consumo exercia nos seus frequentadores. A eficácia desta sedução está regida por vários elementos que se interpenetram e interagem, como a moda, a arquitetura e o estilo de viver que se instituíam como elementos que integravam a paisagem e o local.

A concepção arquitetônica dos edifícios da área foi erigida tendo como característica básica a estrutura de sua organização espacial e as formas de uso que esta propiciou, determinada pelo alto grau de especialização do espaço, tornando-se essencialmente fragmentada. A arquitetura refletia, desta forma, esta fragmentação do espaço, rompendo com uma possível unidade da

paisagem urbana. Por outro lado, esta fragmentação, e conseqüente individualização de estilos e projetos, tinha como essência ignorar e excluir dos seus objetivos, num sentido mais complexo e amplo, que seria a busca de se prolongar o “ser e a ordem humana, estendendo-os para um domínio étnico” (BLOOMER; MOORE, 1982, p. 16). Na análise dos autores, o domínio étnico pode ser concebido como um lugar “dotado de um princípio organizativo próprio que atuaria como centro de um mundo virtual”. Portanto, este não compunha o “cosmos” Savassi. A espacialização das práticas sociais que aconteciam no lugar refletia uma cultura que representava uma fragmentação e uma individualização exacerbadas, próprias da cultura do consumo. Os espaços eram concebidos simplesmente sobre a base de uma adaptação a um objetivo específico, sem levar em conta a possibilidade de que tais edifícios pudessem render culto à história ou à condição humana (BLOOMER; MOORE, 1982, p. 27). Neste sentido, as construções da Savassi estavam submetidas aos modismos de imagem, em termos de materiais de acabamento e concepção plástica dos edifícios sofisticados, onde o concreto, o vidro e os grafismos publicitários configuravam suas fachadas.

As lojas acompanhavam a sofisticação, caracterizadas por uma criatividade peculiar ao arcabouço tecnológico. Estas estavam sendo planejadas dentro da estética pós-moderna, onde se destacavam o brilho, o neon e os simbolismos e estavam entre várias distribuídas pelas ruas, compondo a paisagem do lugar. O surgimento de novos edifícios e modismos não cessava por aí. Como mostram Bloomer & Moore (1982, p. 27), “Os escritórios, apartamentos e comércio se amontoam sem diferenciação alguma e respondem a critérios mais relacionados com os sistemas de armazenamento ou com o preço do solo, do que com os problemas da existência e da experiência humana”.

III NA PISTA DOS ENCONTROS

Das ruas da Savassi nasciam os lugares que propiciavam encontros. Passava-se assim por locais totalmente desintegrados com a rua, nos quais não se acha sentido na permanência nos bares e restaurantes, que se encontram fechados para o passeio, rompendo a integração espaço aberto/espaço fechado, ou espaço público/espaço privado. Muitas vezes o passeio era utilizado para prestação de serviços; nestas condições, o espaço aberto se tornou, ao mesmo tempo, público e privado. Sem muita pretensão, encontravam-se pequenos corredores que ligavam ruas dando uma idéia de labirinto¹⁴, que poderiam se tornar ponto de encontro, mas

não passavam de meras passagens. Esta situação foi decidida pelos próprios lojistas, que colocavam grades e obstáculos nos canteiros e apenas tinham interesse que suas lojas fossem destacadas, procurando evitar a confluência das pessoas. Mas nem sempre o fato se repetia e os passeios podiam propiciar o descanso e a conversa, como era o caso de algumas galerias. Estas criaram uma nova forma de “flanar” pelas lojas, constituindo-se como verdadeiras ruas de pedestres; e além de possibilitarem a passagem destes, trouxeram a vida das ruas para as passagens e providenciaram uma proteção para chuva. (*Architectural Record*, 1985, p. 89). Mas nem todas as galerias apresentavam este caráter ao propiciarem apenas a passagem e não oferecendo nenhuma outra forma de apropriação. O “Shopping 5ª Avenida”, o primeiro do segmento na região, se tornou uma das exceções, não devendo ser considerado um shopping no sentido tradicional do termo e, muito menos, uma galeria típica da Savassi. Além de estar integrado em termos da relação de contigüidade com o espaço do seu entorno, propiciava o encontro e o lazer. As suas passagens foram caracterizadas como “ruas” e estas, em contraste com os “shoppings” tradicionais, eram consideradas nos dois sentidos: um local de vir e usar conscientemente e, ao mesmo tempo, condicionaram a combinação do uso consciente e do uso casual, criando uma trama complexa de interações e possibilidades. A entrada do “5ª Avenida” constituía em um espaço aberto que ultrapassava a rua, tornando-se uma praça, guardando consigo a imprevisibilidade da rua e a espontaneidade da praça e o seu caráter essencialmente público.

Quanto aos espaços onde existia *a priori* a intenção do lazer, as casas de jogos eletrônicos elucidavam total integração do espaço aberto com o espaço fechado, integrando a vida cotidiana da Savassi e viabilizando o encontro de crianças e adolescentes. Os bares e restaurante representavam, de forma significativa, o lugar “definido” do encontro. Estes, de um modo geral, eram constituídos por espaços abertos e fechados, o que possibilitava uma relação de contigüidade com a rua. Na medida em que as mesas estavam colocadas nas calçadas, ocorria um rompimento dos papéis funcionais de cada atividade, formando uma superposição de práticas vivenciadas num mesmo ponto no espaço, onde o lúdico e a festa permeavam as representações. Constatava-se que a rede de interações sociais estabelecidas nestes bares possuía um caráter informal. De um modo geral, estas interações tendiam a ser muito estáveis, podendo atingir um “grau de rotinização” (SILVA, 1978, p. 84). A prática de se frequentar os bares da Savassi já estava integrada na rotina dos que trabalhavam no local, como também das pessoas pertencentes aos extratos médio e alto que habitavam a Zona Sul. Torna-se possível, desta forma, “identificar padrões de frequência” nos bares e lanchonetes

que se encontravam em moda na Savassi, onde se esboçava uma territorialidade em termos de uso, tendo como base os grupos e subgrupos que freqüentavam o lugar. Esta territorialidade é justificável, visto que “é inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão [...] devam, de tempo em tempo, se encontrar nos mesmos lugares” (PERLONGHER, 1985, p. 1). Portanto, os bares, lanchonetes e restaurantes territorializavam-se de acordo com a idade, os interesses, os gostos e os temperamentos dos seus freqüentadores, formando verdadeiros “*points*” ao longo do espaço savassiano.

É possível encontrar pelos seus espaços a formação de territórios ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva, sendo o espaço neste caso apenas uma referência extrínseca, onde práticas se circunscrevem (GUATARRI, 1985, p. 43). A Savassi caracterizava-se por uma heterogeneidade de regiões peculiares nos centros urbanos consolidados. Conviviam, lado a lado, territórios já codificados e legitimados pela demanda cotidiana de grupos como daqueles que já “venceram na vida”, dos que procuram “levar uma vida moderninha”, etc.; com outros grupos que se identificavam consumindo a transação e a representação do momento. Neste caso, o processo territorialização/desterritorialização dos “*points*” está submetido a uma vulnerabilidade do nosso momento capitalista, onde o provisório e o descartável criam e recriam as demandas. O nomadismo expressava esta forma de se consumir os espaços, onde a procura foi sempre eliminar/recompor itinerários, sendo que o importante era a intensidade do percurso.

A conjugação de fatores importantes, relativos às práticas do consumo no espaço urbano da Savassi, tornou-se um espaço valorizado. Na medida em que as atividades no espaço iam se diversificando, passando a apresentar, a cada dia, um maior número de novidades relativas ao consumo, mais “*in*” tornava-se o seu espaço e, ao mesmo tempo, mais valorizado tornava-se o seu solo. Em seus espaços conformou-se uma conjugação de “coisas”, tornando-se o centro onde tudo acontecia simultaneamente. No entanto, para se tornar “centro das coisas”, para ser considerado um “*locus in*”, convergiam para o seu espaço todos os modismos criados pela sociedade de consumo. Uma vez que os modismos renovam-se no dia-a-dia, a partir do consumo e da necessidade de se consumir, criada pela própria instituição da moda, pode-se afirmar que este modismo é regido por uma magia que se consolida no próprio cotidiano do lugar. Quanto mais se circulava pela Savassi, quanto mais se percorria seus espaços e se criavam novas especializações no mesmo, mais esta magia era confirmada e realimentada.

Tal fato se explica devido ao fato da magia apresentar uma densidade própria a ser dotada de um significado flutuante que, para Lévy-Strauss (1975), está próxima da estrutura. Esta é considerada como uma coisa que acaba sendo coisa nenhuma, mas a partir da qual as coisas tornam-se coisas. A magia que permeava o sentido de se permanecer e consumir na Savassi foi dotada de “mana”, sendo esta uma energia que atravessou as práticas, interações e representações simbólicas do lugar, onde o consumo sintetiza essas representações. A magia, sendo uma lógica mística geralmente o “capital” apropria-se desta lógica, no sentido de investir e recriar espaços mágicos. Este fato ocorreu no novo centro, tendo em vista o próprio “status” que o lugar já apresentava desde a década de 60. Esse se consolidou a partir dos ritos mágicos do consumo instituído pelo capital. Sabe-se que atualmente esta força mágica perdeu grande parte da sua intensidade legitimadora do sentido de lá permanecer, e instituir-se como um *locus* “in”. Seus espaços correm o risco de perder a magia, e nesse contexto a condição de centro comercial cristalizado e consolidado acompanha tal representação. São questões a serem analisadas numa próxima oportunidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, M. F. *As avenidas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1972.
- ANDRADA, M. F. Belo Horizonte, 25 ago, 1985. Entrevista concedida a Celina Borges Lemos.
- BLOOMER, K.; MOORE, C. *Cuerpo, memória y arquitetura*. Madrid: H. Blume, 1982.
- BOLTSHAUSER, J. *Noções da evolução urbana das Américas*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1968.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DURKHEIM, E.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. In: RODRIGUES, J. A. (Org.). *Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Global, 1985.
- GUATARRI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço e debates*, 16. São Paulo, n. 16, mar./abr. 1985.
- HOLANDA, F. Arquitetura como estruturação social. In: FARRET, R. L. *O espaço da cidade*. São Paulo: Projeto, 1985.

LE VEN, Michael. *As classes sociais e o poder político na formação espacial de B.H. (1883-1914)*. 136f. Mestrado (Dissertação) – Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.

LEMOS, Celina Borges. Belo Horizonte, 15 set. 1988. Entrevista.

LEMOS, Celina Borges. Belo Horizonte, 10 out. 2006. Entrevista.

LEMOS, Celina Borges. *Savassi: a consolidação de um centro urbano*. 1985. 130f. Especialização (Monografia final do curso de Urbanismo) – Belo Horizonte Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.

LÉVY-STRAUSS. *Tristes trópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MATOS, Olgária. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. *Espaço e Debates*, São Paulo, n. 7, p. 50, set./out. 1984.

MORAES, Paulo Borges de. Belo Horizonte, 30 set. 1985. Entrevista concedida a Celina Borges Lemos.

Observations; Malls and Arcades: an historical overview. *Architectural Record*, New York, apr. 1985, p. 89.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PERLONGHER, N. *O gueto e a boca: a territorialidade homossexual*. Congresso da Associação Nacional dos Pesquisadores em Ciências Sociais, 8., 1985, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 1985. p. 1-15.

PLAMBEL. *Mercado da terra na região metropolitana*. Belo Horizonte: [s.n.], 1978.

PLAMBEL. *O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte, 1897/1970*. Belo Horizonte: [s.n.], 1977. (Mimeografado).

RUDOLFSKY, B. *Streets for people*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1982.

SANTOS, C. N. F. Dizei-me cidade brasileira se alguma arquitetura há tão bela e altaneira?. *Projeto* n. 51, São Paulo, p. 35-38, mar. 1984.

SILVA, Luís Antônio Machado da. O significado do botequim. In: *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

THOREAU, H. *Walden ou a vida nos bosques*. São Paulo: Global, 1985.

¹ A criação oficial da R.M.B.H. deu-se pela lei complementar 14, de 8 de julho de 1973. Ver PLAMBEL (1977).

² “Acaba Mundo” era a denominação da região próxima ao Carmo-Sion, Zona Sul de Belo Horizonte, tornando-se também o nome do bonde.

³ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.

-
- ⁴ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.
- ⁵ Entrevista realizada com Maria Celina Pinto Albano, Álvaro Hardy e Roberto Drumond, em 15 set. 1988.
- ⁶ Entrevista realizada em 10 de outubro de 2006 com vários personagens da geração que descobriu o lugar.
- ⁷ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.
- ⁸ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.
- ⁹ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.
- ¹⁰ Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco C. Andrada, em 25 ago. 1985.
- ¹¹ Ver: ANDRADA (1962) e BOLTSHAUSER (1968).
- ¹² Ver DURKHEIM, 1985, Algumas formas primitivas de classificação. In. RODRIGUES (1985, p. 161).
- ¹³ Enterevista realizada com Paulo Borges de Moraes, em 30 set. 1985.
- ¹⁴ Ver RUDOLFSKY (1982).